

A sonora na organização textual da reportagem

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



LUISA ABREU E LIMA¹

RESUMO

O telejornal continua sendo uma fonte de informação importante para muitos brasileiros – seja no consumo de seus conteúdos no dispositivo da TV ou através de suas extensões (no celular e na internet) – perpetuando, em meio a mudanças e adaptações do ambiente de convergência, características reconhecidas pelos telespectadores e que o definem enquanto gênero. A despeito de sua importância social, pode se considerar ainda escassa a produção literária sobre o telejornal no que diz respeito à sua linguagem e ao seu ensino. A partir da compreensão do estatuto semiótico do telejornal e da reportagem como texto, considerando as contribuições bibliográficas acerca da sonora, propomos neste trabalho uma descrição das funções textuais deste elemento da reportagem na articulação com os demais, na construção de um 'todo de sentido'. Tal inventário faz parte de um projeto maior que pretende servir de metodologia de ensino em telejornalismo, na elaboração de uma gramática própria da reportagem (e do telejornal, em última instância). O propósito deste estudo é contribuir com um aporte conceitual baseado não em regras a seguir, mas na identificação de um sistema que preside o processo de elaboração das reportagens de TV, em suas diversas manifestações, utilizando por ora o caso das sonoras.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem. Telejornal. Reportagem. Sonora. Função.

¹ Mestre e Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Jornalista pela UFPE. Desenvolve estudos sobre a linguagem televisual e sobre o telejornalismo, com foco no ensino. E-mail: lu.abreuelima@gmail.com.

1 O TELEJORNAL ENQUANTO GÊNERO

A televisão compreende um conjunto bastante amplo de eventos audiovisuais, que são apresentados aos telespectadores numa variabilidade de formatos imensa. Cada um deles manifesta, entretanto, dentro de uma certa esfera de intencionalidades, um modo próprio de expressar conteúdos. O telejornal é um exemplo de um desses modos e, assim sendo, “constitui um gênero televisivo em si, com suas próprias regras de seleção – hierarquização, estruturação narrativa, mediação etc.” (JESPER, 1998, p. 175).

Apesar de um gênero estar em contínua transformação – em função das próprias manifestações individuais e adaptação a novas realidades – ele configura formas de enunciado relativamente estáveis dentro de um determinado meio. Portanto, sempre é e não é o mesmo, é novo e velho ao mesmo tempo, renasce e se renova em cada obra individual (BAKHTIN, 1981).

É a partir da noção de gênero que orientamos o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, uma vez que é nele que se manifestam as suas tendências expressivas mais estáveis e organizadas, acumuladas ao longo de gerações. Nas palavras de Machado (2000, p. 68), trata-se de

uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma.

Os gêneros nos fornecem ‘pistas’ para a produção dos atos de comunicação, sua leitura e recepção. Eles são um conjunto de propriedades textuais para seus emissores e um sistema de expectativa para seus receptores. Podemos entendê-los, assim, como “estratégias de comunicabilidade” (MARTÍN-BARBERO apud FECHINE, 2001).

Diante da assertiva de que o telejornal é um gênero, é preciso entender as especificidades que o definem. Afinal, quais são suas características expressivas mais estáveis, os modos pelos quais suas mensagens se organizam, as propriedades discursivas que presidem suas mais variadas manifestações?

Devido à própria complexidade que envolve a linguagem do telejornal e a sua ainda tímida investigação no universo acadêmico, essas perguntas ainda

estão no aguardo de réplicas satisfatórias. Há uma fragilidade teórica e metodológica, quando se trata de descrever e analisar os modos de funcionamento da linguagem televisual.

O mais frequente é que a televisão seja tomada a partir de abordagens mais gerais, macroeconômicas, históricas ou sociais, e que o programa televisivo, enquanto um produto cultural com certas especialidades, seja deixado de lado. Na maior parte dos casos, os estudos que tomam a televisão como seu objeto de investigação, ainda que considerem seus produtos, tendem a se dispersar em direção a outros objetos de análise, afastando-se da análise dos programas efetivamente produzidos e veiculados. (GOMES, 2011, p. 17).

Há entre os pesquisadores da área o cultivo de uma relação instrumental com o objeto, utilizado muitas vezes para 'testar' metodologias de outras áreas de conhecimento, e por isso, as pesquisas dificilmente oferecem contribuições para desvendar aspectos específicos da prática jornalística (MACHADO, 2004).

Dados recolhidos do currículo Lattes dos associados à Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) corroboram esse fato ao registrar que cerca de um quarto (27,5%) dos pesquisadores com graduação em Jornalismo fizeram teses de doutorado sem nenhuma vinculação com o objeto jornalístico (MACHADO, 2008).

Na prática, quando da necessidade de orientação ou referência sobre o 'fazer telejornalístico', docentes, discentes e profissionais continuam recorrendo aos 'manuais' de telejornalismo, escritos na sua maioria por profissionais de TV², cuja formação prática foi majoritariamente dada no próprio interior das redações, através do que Marques de Melo (2003, p. 174) denomina de "pedagogia do batente".

O que se observa é, portanto, uma produção acadêmica de pouco impacto nos usos e costumes profissionais. Não é por acaso que a pós-graduação tem sido acusada de pouco contribuir para a melhoria da prática do jornalismo, seja com o desenvolvimento de novas teorias, seja com o estímulo à inovação tecnológica (MACHADO, 2005).

² Uma busca rápida nos planos de ensino das disciplinas voltadas ao telejornalismo nas nossas universidades pode evidenciar a recorrência a tais manuais (cf., por exemplo, CURADO, 2002; BARBEIRO; LIMA, 2005; PATERNOSTRO, 2006).

A sonora na organização textual da reportagem

Em tempos de transição diante das novas tecnologias, são muitos os desafios a serem encarados pelo noticiário de TV e, portanto, pelos futuros profissionais envolvidos no telejornal. Por isso, é cada vez mais urgente se entender o seu modo de funcionamento para se pensar – a partir dele – nas possibilidades e potencialidades da linguagem do telejornal.

É no intuito de encontrar esse entendimento que operamos com um conceito de telejornal como um texto englobante formado pela articulação de elementos englobados³, cada um exercendo funções textuais específicas diante do todo e de acordo com suas diferentes composições.

A partir dessa perspectiva metodológica – cuja explicitação se fará a seguir – foi possível levantar e apresentar, no presente estudo, um inventário das funções textuais da sonora, encarada enquanto elemento englobado da reportagem, com a finalidade de subsidiar um projeto maior que busca evidenciar uma gramática própria do telejornal⁴, potencializando o seu ensino, prática e aprendizado.

188 |

2 O ESTATUTO SEMIÓTICO DO TELEJORNAL

Se o telejornal é o texto que nos interessa observar, antes de partir para a observação da sonora, cabe perguntar: que tipo de texto consiste o telejornal e quais são as suas particularidades? Quais são os elementos que o compõem, de que modo se estruturam e como se organizam diante de sua totalidade para formarem sentidos?

Semioticamente, o telejornal pode ser definido como um enunciado englobante (o noticiário como um todo) que resulta da articulação, por meio de um ou mais apresentadores, de um conjunto de enunciados englobados (as notícias, em suas diversas formas), dotados de uma relativa autonomia (FECHINE, 2008).

Como postula Fachine (2008), tal concepção nos leva ao tratamento do telejornal, também, como uma estrutura recursiva. Tomando como analogia a

³ Essa concepção semiótica do telejornal é baseada nos estudos de Fachine (2008).

⁴ A ideia de evidenciar uma gramática do telejornal – baseada na observação das funções textuais que seus vários elementos audiovisuais exercem entre si e em função do todo – faz parte das pesquisas de Fachine e Abreu e Lima (cf. FECHINE; ABREU E LIMA, 2009), o que inclui a dissertação de mestrado da autora deste artigo (cf. ABREU E LIMA, 2010).

tradicional boneca russa matrioshka, que é constituída por uma série de outras bonecas (umas dentro das outras), a estrutura do telejornal também contém dentro dela outras subestruturas que se organizam de maneira similar.

Podemos dizer que, nas suas mais variadas formas – escaladas, notas e reportagens gravadas, entrevistas no estúdio, links, assim como mapas, gráficos, material de arquivo, passagens ou trilhas sonoras – todos os enunciados englobados (as partes dessa cadeia) organizam-se segundo um enunciado englobante e implícito (o telejornal como um todo).

Dessa forma, assim como a unidade englobante, as unidades textuais englobadas, seguindo a lógica da recursividade, também são constituídas de outras unidades por elas englobadas, que juntas configuram, por sua vez, uma outra totalidade (ABREU E LIMA, 2010).

Outro aspecto importante para se entender o estatuto semiótico do telejornal é a temporalidade envolvida nesse tipo de texto, um texto construído 'em ato'. O telejornal se constitui enquanto um enunciado em ato, da instância do 'agora' (aquela localizada no estúdio), mediante a combinação (encadeamento) de outros enunciados previamente formados, da instância do 'então' (localizados fora do estúdio, nas reportagens gravadas, por exemplo), que são colocados em relação a essa totalidade (FECHINE, 2008).

Assim, o texto em ato que constitui o telejornal (no nível englobante) é formado a partir de vários elementos englobados que – a exemplo das escaladas, notas cobertas e reportagens – são previamente gravados e, portanto, não se situam no mesmo 'agora' do ato de sua enunciação, na medida em que são produzidos em outras temporalidades, que não aquela em que são transmitidos e recebidos pelo público.

Do mesmo modo, ainda que haja elementos englobados produzidos sem deslocamento temporal (como as transmissões diretas e as entradas ao vivo), todos eles apresentam um deslocamento espacial em relação ao 'aqui' onde se dá o ato de enunciação do telejornal, nomeadamente o estúdio.

É a partir da elucidação dessa lógica que entendemos que, para a construção do telejornal (no sentido do texto em ato), é preciso se pensar nas relações de concomitância e não concomitância (seja ela temporal e/ou espacial) de suas partes com o todo que as engloba. Para que os enunciados

A sonora na organização textual da reportagem

englobados se insiram na composição da mesma temporalidade do texto englobante, o telejornal se utiliza de estratégias textuais que visam à construção daquilo que Fachine (2008) define como efeito de continuidade espaço-temporal.

Mas, afinal, como funcionam essas estratégias discursivas? Dentro do tempo de manifestação do texto-telejornal – no qual o efeito de ao vivo é determinante para o contrato fiduciário entre programa e telespectador – o apresentador exerce um papel enunciativo importante.

O apresentador é o hóspede do TJ: acolhe o telespectador no início do programa, e despede-se no fim, marca os encontros, baliza o telejornal com indicações práticas que permitem acompanhar e compreender melhor. (JESPERS, 1998, p. 182).

No entanto, em função da estrutura recursiva do telejornal, vale ressaltar que o apresentador não configura, todavia, o único actante⁵ desse enunciado que constitui o telejornal. Os textos englobados não só se referem a uma temporalidade de produção distinta (no sentido de serem construídos a priori), mas também se referem a distintos atores da enunciação, a exemplo dos repórteres e personagens das matérias.

Para se ter ideia de como se instaura esse efeito de continuidade entre os elementos gravados e ao vivo no telejornal, considerando a delegação de voz para diferentes actantes, basta lembrar expressões comuns utilizadas, tais como: “O repórter ‘x’ está no local e tem as últimas informações” (na entrada de um link ao vivo); “A Polícia Federal informou, agora, que finaliza até amanhã o inquérito” (no caso de uma nota-pé de uma matéria gravada).

Podemos entender melhor a relação do todo e as partes que constituem o telejornal (relação englobante/englobado) com uma breve descrição da estrutura do telejornal a partir do que chamamos de ‘espelho’ – o ‘esqueleto’ do que vai ao ar todos os dias no noticiário. O espelho ilustra bem esses níveis enunciativos do telejornal, à medida que sintetiza a organização do noticiário em unidades, que ordenadas sob uma dada forma, constituem um todo de sentido.

⁵ Concebido como “aquele que realiza o ato”, sujeito ou actante da narração (GREIMAS; COURTÉS, 2008).

As notícias em escalada são, via de regra, a primeira unidade englobada que podemos identificar no espelho de qualquer telejornal. Sons, cortes rápidos e entonação vibrante fazem parte das estratégias discursivas utilizadas inicialmente para se atrair a audiência, criando um 'querer-saber' e indicando os fatos mais importantes do dia para os telespectadores (HERNANDES, 2006). A escalada também pode conter teasers, uma intervenção breve gravada pelo repórter para incitar a curiosidade do telespectador para uma determinada matéria.

Ao longo do noticiário, as matérias jornalísticas (em suas variadas formas) são distribuídas e hierarquizadas em blocos, que – separados por intervalos para os comerciais – se encerram (com exceção do último), lembrando e chamando a atenção para as notícias seguintes. Lidas pelo apresentador do telejornal 'ao vivo' ou em *off*, essas chamadas são normalmente antecidas por expressões dêiticas tais como 'ainda hoje', 'veja a seguir', 'a seguir', 'daqui a pouco', 'dentro de instantes', 'em instantes' (REZENDE, 2000).

Não somente através da sua inserção em um bloco ou noutro do telejornal, as notícias são hierarquizadas de acordo com a forma com que são apresentadas (sua forma de expressão): notas ao vivo, notas cobertas, boletim ou *stand up*, e reportagem (MACIEL, 1995).

As notas ao vivo, por exemplo, são voltadas para os fatos de menor relevância ou que não dispõem de imagens. A nota coberta tem função similar, se diferenciando da nota ao vivo pela associação a imagens. Já o *stand up*, caracterizado pela transmissão (gravada ou ao vivo) da notícia por um repórter diretamente do lugar onde ocorre o fato, enfatiza e valoriza o efeito de presença e de proximidade com o fato.

A reportagem, por sua vez, considerada a mais completa e mais complexa forma de apresentação da notícia, é utilizada para transmitir fatos de ampla repercussão, assim como os de utilidade pública. Vale ressaltar, ainda, que a alternância das diferentes formas de notícia oferece ritmo ao telejornal, ajudando assim a manter a audiência.

Assim, a significação do texto englobante (o telejornal propriamente dito) constrói-se, do ponto de vista sintático, pela combinação das unidades

A sonora na organização textual da reportagem

textuais englobadas. Essas, por sua vez, definem-se como unidades textuais englobadas pelas próprias relações mantidas entre si e com o nível englobante, a partir do qual foram segmentadas. Podemos associar essas unidades textuais às distintas formas assumidas pelas notícias no telejornal: reportagem, entrevista no estúdio, entrada ao vivo, comentários, notas peladas ou cobertas, entre outras.

Analisadas como partes do 'espelho' do telejornal (uma parte, portanto, do todo englobante), todas essas distintas formas da notícia assumem a função de unidades. Consideradas isoladamente, perdem, no entanto, sua condição de unidade e, na análise, ganhando o estatuto de 'todo significativo' (texto autônomo). Demandam, portanto, o mesmo trabalho de delimitação e segmentação das unidades para compreensão dos seus modos específicos de estruturação (ABREU E LIMA, 2010).

Como a tarefa de descrição das relações entre as unidades que, ao serem articuladas, conferem o estatuto textual ao telejornal é bem mais ampla – e está apenas começando – contentamo-nos em entender mais detalhadamente neste trabalho o funcionamento textual da reportagem para focar, a seguir, nas funções da sonora.

192 |

3 A ORGANIZAÇÃO TEXTUAL DA REPORTAGEM

A reportagem é um dos principais formatos da notícia dentro do gênero telejornalístico, na medida em que constitui "a matéria jornalística que fornece um relato mais ampliado do acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões" (REZENDE, 2000, p. 157). Diz-se que a forma mais completa de se apresentar um texto em um telejornal é através da reportagem. Por esse mesmo motivo, chega a ser considerada, como defendem Barbeiro e Lima (2005, p. 69), "a melhor forma de passar as informações para que o telespectador possa tirar suas conclusões sobre o fato relatado."

De duração mais longa que os demais formatos de notícia no telejornal (a exemplo da nota ao vivo, nota coberta e *stand up*), a reportagem incorpora todas as formas de apresentação utilizadas nos demais formatos, tais como texto, imagens, presença do apresentador, repórter, entrevistados, além de outras formas adicionais.

Dependendo do nível de análise (como foi visto anteriormente), entendemos que a reportagem pode adquirir estatuto de parte (se estivermos observando-a como um elemento do texto maior que é o telejornal) ou de todo (se estivermos observando a reportagem isoladamente) – sendo este último o estatuto trabalhado neste artigo. Assim, a reportagem pode ser entendida como um texto englobante formado por elementos englobados que contraem funções entre si na construção de um todo de sentido.

De acordo com Rezende (2000), a reportagem (enquanto texto englobante) divide-se basicamente em cinco partes⁶: a cabeça, o *off*, o *stand up* (mais conhecido pelo termo passagem quando encarado no nível enunciativo da reportagem), as sonoras e o pé.

Quanto à estrutura do texto da reportagem, Cruz Neto (2008) descreve-a como a seguinte: *off-sonora-off-sonora-passagem-off-sonora*. Embora essa seja a configuração mais comum citada pelo autor, também podemos observar outras estruturas, tais como *off-sonora-off-sonora-passagem-sonora-off*, ou no caso de reportagens menores, *off-sonora-passagem-off* ou *off-passagem-sonora-off*, sem falar nas reportagens que não fazem uso da passagem.

Na verdade, a ordem desses elementos pode variar muito de acordo com o estilo do repórter, o tempo de duração e importância da matéria ou até o material audiovisual disponível. A possibilidade de uma das partes aparecer mais de uma vez e a omissão de um ou mais formatos não significam, necessariamente, uma descaracterização do conceito de reportagem (REZENDE, 2000).

O que a maioria dos manuais alerta a respeito disso é que não é recomendável colocar uma sonora para abrir ou terminar uma reportagem, assim como não é prudente colocar a passagem ao início, por causar efeitos tais como a parcialidade ou quebra radical no efeito de continuidade do texto englobante. Entretanto, não podemos colocar tais recomendações como uma regra, afinal, podemos usar tais elementos no início ou no fim, dependendo da função que pretendemos que ela contraia com o todo.

⁶ Entendemos que a cabeça da matéria é a introdução da notícia pelo locutor ao vivo; o *off*, o texto do repórter casado com as imagens; o *stand up*, a narrativa feita pelo repórter enquadrado no local do acontecimento; as sonoras, as entrevistas feitas pelo repórter; e o pé (ou nota-pé), um breve texto de fechamento da matéria lido pelo apresentador.

A sonora na organização textual da reportagem

É por isso que, mais importante do que prescrever as regras de uso dos elementos que compõem a reportagem (oferecendo 'receitas'), é entender e identificar as recorrências encontradas nesses usos, com vistas à proposição de suas funções na organização textual. Acreditamos que, com isso, poderemos propor categorizações mais gerais, a partir das quais se pode reconhecer o sistema que preside o processo de elaboração da reportagem.

É válido ressaltar, ainda, que nos manuais de telejornalismo disponíveis, não observamos uma distinção muito clara entre usos e funções dos elementos da reportagem. Para a nossa abordagem, no entanto, essa distinção é importante (ABREU E LIMA, 2010). O que designamos como funções diz respeito não somente a relações de dependências entre os elementos constitutivos de um texto, no momento de sua organização sintagmática. Nos manuais, o termo função costuma ser empregado, não raramente, como sinônimo de usos ou de procedimentos jornalísticos, ligados às práticas profissionais.

Na abordagem que proporemos a seguir (das funções textuais da sonora), esses usos e procedimentos certamente serão considerados, visto que estão implicados necessariamente nos modos de organização textual. No entanto, faremos um esforço para semiotizar os usos e procedimentos descritos nos manuais, procurando mostrar como estes se "traduzem" na construção de relações de dependências entre os elementos constitutivos da reportagem.

O que nos interessa, portanto, é evidenciar a relação textual entre tais elementos (relação 'com' e 'no' interior do texto-reportagem) e não sua finalidade (um certo uso) na reconstrução do fato/fenômeno reportado.

4 POR UM NOVO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DA SONORA

O termo sonora designa genericamente toda fala dos entrevistados nas reportagens (sejam eles especialistas, testemunhas, autoridades ou personagens), incluindo a pergunta do repórter (MACIEL, 1995). É fundamentalmente no sentido de orientar o repórter sobre a forma como deve se comportar e se preparar diante das entrevistas/entrevistados⁷, assim como os

⁷ Acreditamos que isso se dá, principalmente, porque na mídia televisiva é tarefa quase impossível fazer um entrevistado falar espontaneamente diante da câmera ligada, e é preciso muita técnica para o repórter conseguir a informação mais apropriada, de uma forma clara e objetiva.

cuidados na sua edição, que as sonoras são tratadas nos manuais e livros de telejornalismo.⁸

Quando se trata dos usos, alguns autores apresentam em seus estudos diferentes tipos de sonora. Prado (1996) aponta, por exemplo, para a propriedade de algumas sonoras em esclarecer dúvidas (como é o caso de algumas testemunhas fundamentais de um acontecimento), assim como o uso de sonoras com o intuito de enaltecer e mostrar o prestígio de uma determinada emissora (no caso de entrevistas exclusivas de pessoas importantes).

Carvalho (2010), em contrapartida, lembra que a sonora deve fundamentalmente acrescentar informação, destacando também que não cabe a ela reafirmar aquilo que foi dito pelo repórter.

Cruz Neto (2008), por sua vez, baseado nos estudos sobre a prática jornalística da entrevista de uma forma geral, propõe uma categorização que define quatro tipos de entrevista: a entrevista ritual (cuja finalidade é fazer com que o entrevistado fale na matéria, independentemente do conteúdo); a entrevista em profundidade (que ressalta a figura do entrevistado, relacionando aspectos da sua vida); a entrevista temática (que aborda um tema sobre o qual o entrevistado tem condições de falar) e a entrevista testemunhal (que consiste num relato de um entrevistado sobre algo de que ele participou ou assistiu).

Outros estudos em telejornalismo, e do jornalismo de uma forma mais ampla, como os Medina (2001), Jaspers (1998), Charon (1995), também trazem contribuições relevantes para pensarmos a sonora na reportagem, muito embora tratem mais sobre a entrevista enquanto prática profissional. Neles encontramos, respectivamente, categorias como: espetacularização (com traços sensacionalistas e o perfil do pitoresco) e compreensão (ou aprofundamento); factual (cujo objetivo é transportar elementos de informação ou comprovar a veracidade do relato jornalístico) e empática (que tem por objetivo deixar descobrir a personalidade do indivíduo interrogado); narrativa (envolvendo protagonista do fato reportado), testemunho (com testemunhas), opinião (com

⁸ Cf. Cruz Neto (2008), Manual de telejornalismo da Globo (1985), Yorke (1998), Barbeiro e Lima (2005).

A sonora na organização textual da reportagem

observadores e analistas), explicação (com especialistas) e retrato (em que a personalidade é o próprio fato).

A partir dessas classificações e aconselhamentos oferecidos nos manuais e livros disponíveis a respeito das sonoras, observamos que não podemos falar na existência de um inventário satisfatório sobre as funções que a sonora assume dentro da reportagem enquanto organização textual. Ainda falta um olhar que analise melhor o 'valor sintático' da sonora na reportagem.

Mesmo que, por vezes, falem das sonoras nos termos de 'funções', eles se referem muito mais à finalidade do repórter na busca de um entrevistado específico ou de um depoimento pensado a priori diante do fato, que de sua função textual dentro da reportagem enquanto um todo dotado de sentido.

Além disso, como se pode observar nas categorizações apresentadas, é comum nessas bibliografias que as condições de testemunha, protagonista, especialista ou autoridade dos entrevistados sejam por vezes diretamente relacionadas com os usos das sonoras, quando devemos alertar que o perfil do entrevistado (apesar de relacionado) não determina necessariamente um ou outro uso da sonora dentro do texto-reportagem. É nesse sentido que se propõe, a seguir, um novo inventário de funções das sonoras.

196 |

5 FUNÇÕES TEXTUAIS DA SONORA: UMA METODOLOGIA DE ENSINO

Considerando a nova perspectiva de análise e as lacunas nas contribuições da bibliografia disponível, partimos então para a observação⁹ das manifestações práticas, na perspectiva de investigar como se dá a relação das sonoras com os demais elementos da reportagem e com o todo que lhe é implícito.

A partir da identificação das funções mais recorrentes da sonora na construção de um todo de sentido na reportagem, chegamos a uma categorização que inclui cinco funções textuais. São elas:

⁹ A presente categorização baseou-se na observação do *corpus* utilizado em dissertação de mestrado (ABREU E LIMA, 2010), que inclui 25 reportagens do *Jornal Nacional* exibidas em 2010, de diferentes temas, tais como política, saúde, economia e esportes.

explicação/detalhamento; construção de posicionamentos; reforço/reiteração; excêntricação; e patemização.

A primeira, de uso bastante frequente, é empregada na construção textual da reportagem quando o repórter visa descrever, explicar e detalhar o fato ou algum aspecto específico deste, a partir de uma postulação autorizada, feita através de testemunhas oculares/ protagonistas da ação ou através de técnicos e especialistas (no caso de matérias que abordam assuntos científicos, por exemplo).

As sonoras de *construção de posicionamentos*, por sua vez, têm o objetivo de apontar para as implicações que provocam ou sugerem o fato, acontecimento ou fenômeno reportado, seja realçando as suas repercussões ou consequências, como revelando suas contradições, versões e pontos de vistas. Fazem parte dessa categoria, as sonoras que emitem opiniões, juízos de valor, especulações e/ou previsões. Trata-se, portanto, da construção de um ponto de vista explícito sobre o tema proposto. Também pode se encaixar neste tipo de sonora, aquela em que o entrevistado se recusa a falar ou se mostra desconsertado diante de uma pergunta, pois se trata, ainda que em outros termos, de um tipo de posicionamento (no caso, a construção da recusa).

As sonoras podem ser utilizadas, também, para reforçar ou reiterar o fato, servindo como uma espécie de 'ilustração' em relação a tudo que é descrito por meio das imagens, *off* ou passagem ao longo da reportagem. Buscam produzir efeitos de proximidade, por um lado, entre aquele que reporta e aquilo que é reportado, afirmando seu acesso àqueles que estão envolvidos, de algum modo, na situação reportada (é como se o repórter, por meio delas, afirmasse: "estive no local e falei com os envolvidos, não importa se eles têm algo a acrescentar"). Promovem, por outro, um efeito de aproximação entre a enunciação e o enunciado, a partir da presença do repórter na cena enunciativa em contato com outros que dela participam.

Identificamos, ainda, como este tipo de sonora, aqueles depoimentos que, na impossibilidade de uma cobertura jornalística no local no momento do acontecimento, rememoram o fato, validando como 'real' o foi descrito pelo narrador-repórter.

A sonora na organização textual da reportagem

Já as sonoras de *excentrização* têm a função de particularizar ou de conferir um caráter de excentricidade¹⁰ a determinados atores do enunciado (personagens) ou as suas declarações, destacando sua condição (personalidade, *ethos*) e/ou falas inabituais, inesperadas ou reveladoras. Essas sonoras são captadas e utilizadas, portanto, no sentido de fazerem uma distinção especial da pessoa ou fato que é assunto na reportagem.

Fazem parte desse tipo de categoria as sonoras que buscam evidenciar a excepcionalidade de um personagem ou de um fato, sejam através de uma declaração inusitada ou de um depoimento acerca de uma história ou vivência. Encaixam-se nesse tipo de sonora aquelas entrevistas que captam a palavra insólita – seja ela curiosa ou mesmo sem valor informativo – em reportagens com ‘celebridades’ ou pessoas públicas importantes, mas também com ‘anônimos excêntricos’.

Identificamos como sonoras com função de *patemização*, por fim, todas aquelas que, quando colocadas dentro do texto-reportagem, buscam deliberadamente promover uma identificação, projeção e/ou empatia do telespectador com o entrevistado/personagem, apelando para a emoção. Pródigas em reportagens que relatam episódios trágicos, como grandes catástrofes e assassinatos, este tipo de sonora produz um sentido cuja particularidade é, justamente, ‘ser sentido’.

Sua função não depende, portanto, de uma significação construída numa dimensão inteligível, baseada em um valor informativo, mas apela, ao contrário, para uma dimensão sensível – o que, geralmente, manifesta-se por meio do estabelecimento de relações de reconhecimento, e até mesmo de familiaridade (sentir-se parte). A emoção, nestes casos, impõe-se por si só, e nisso reside o próprio valor da sonora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se propor a descrever como se dá a organização textual das sonoras dentro da reportagem no telejornal, não se pretende neste trabalho estabelecer

¹⁰ Usamos aqui o termo excentricidade para marcar a contraposição com tudo que é comum, frequente, habitual, normal, ordinário, regular.

'receitas' ou normas a seguir. As categorizações aqui propostas não são rígidas e/ou definitivas.

O presente estudo sugere um inventário das funções textuais da sonora, buscando contribuir para a operação criativa e construtiva da reportagem e para o entendimento da mesma como um texto cuja coesão depende do uso inteligente dessas funções (e de outras relacionadas aos demais elementos envolvidos no telejornal), considerando também, com isso, reconhecer bons e maus usos.

Tal inventário faz parte de um projeto maior que busca, para fins didáticos, a identificação de uma gramática própria da reportagem telejornalística (incluindo elementos como *off*/imagens e passagem) e, em uma perspectiva mais abrangente, do telejornal como um todo – envolvendo, em outro nível de análise, funções textuais de elementos como a escalada, o vivo, matérias e notas.

A partir da categorização das funções textuais da sonora, ambicionamos o início da construção de uma metodologia de ensino em telejornalismo capaz de auxiliar alunos e futuros profissionais a fazer e a entender 'o que se faz' e a questionar 'o que é feito', estimulando-os, inclusive, ao aprimoramento ou reinvenção do gênero.

Como ensinou Hjelmslev (2009), trata-se de uma 'redução' inicial do objeto, partindo-se do mais simples ao mais complexo, de forma a permitir uma ampliação de perspectiva através de uma projeção da estrutura descoberta sobre os fenômenos que lhe são vizinhos, de tal modo que sejam explicados à luz da própria estrutura.

É nosso intuito descrever as constâncias ou regularidades que regem a construção do texto telejornalístico – que não se restringem ao que é dito, mas que remetem a um próprio modo de dizer, cujo entendimento permite a construção de novos textos.

Acreditamos estar evidenciando, por fim, a base de um sistema que subsidia um novo olhar sobre a linguagem do telejornal, desvendando uma forma pela qual podemos tratar esse texto maior: não somente como objeto de comunicação, mas como objeto de significação, cujos mecanismos de estruturação (relações e dependências) fazem dele um todo de sentido. 

A sonora na organização textual da reportagem

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU E LIMA, L. **Por uma gramática da reportagem**: uma proposta de ensino em telejornalismo. 2010. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia da TV. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CARVALHO, A. et al. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARON, Y. **A entrevista na televisão**. Portugal: Inquérito, 1995.

CRUZ NETO, J. E. **Reportagem de televisão**: como produzir, executar e editar. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CURADO, O. **A notícia na TV**: o dia a dia de quem faz Telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

FECHINE, Y.; ABREU E LIMA, L. Por uma sintaxe do telejornal: uma proposta de ensino. **Galáxia**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 263-275, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1891/1702>>. Acesso em: 8 fev. 2013.

FECHINE, Y. **Televisão e presença**: uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

_____. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. **Revista Symposium**, Recife: v. 5, n. 1, p. 14-26, jan./jun. 2001. Disponível em: < <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3195/3195.PDF>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

GOMES, I. Metodologia de análise de telejornalismo. In: GOMES, I (Org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 17-47.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

JESPERS, J. **Jornalismo televisivo**. Coimbra: Minerva, 1998.

MACIEL, P. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1995.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MACHADO, E. **Dos estudos sobre jornalismo às teorias do jornalismo** (três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento). **E-compós**, Brasília, v. 1, p. 2-15, dez. 2004. Disponível em:

<<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/2/4>>. Acesso em: 8 fev. 2013.

_____. Jornalismo. In: MARQUES DE MELO, J. (Org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 91-105.

_____. A pesquisa aplicada em Jornalismo como fator de desenvolvimento. In: SIPEC REGIONAL NORDESTE, 7., 2004, Natal: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://grupojol.files.wordpress.com/2011/04/2005_goncalves_pesquisa_desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2013.

MANUAL DE TELEJORNALISMO DA REDE GLOBO. Rio de Janeiro: Central Globo de Jornalismo, 1985.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MEDINA, C. A. **Entrevista**: um diálogo possível. São Paulo: Ática, 2001.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PRADO, F. **Ponto eletrônico**: dicas para fazer telejornalismo com qualidade. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.

REZENDE, G. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

YORKE, I. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.